UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

AS IMPLICAÇÕES DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE PROFESSORES E ESTUDANTES NO CURSO DE MATEMÁTICA DA UEFS

Jeiziane da Silva Oliveira[1]; Evódio Maurício Oliveira Ramos[2]
1. Bolsista PIBIC/CNPq, Licencianda em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jeizi.oliveira@hotmail.com
2. Professor Orientador, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: emoramos@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: relação pedagógica; ensino superior; afetividade.

INTRODUÇÃO

No ensino de matemática, algumas vezes, há uma ausência de atividades com resoluções de problemas que estimulam reflexão crítica, assim como uma aparente desconsideração daqueles conhecimentos que são adquiridos no contexto cultural dos estudantes (GRANZOTTO, 2009). Para Fiorentini e Oliveira (2013), muitos professores atuantes em cursos de Licenciatura e Bacharelado em Matemática, tendem a manter concepções que giram em torno da necessidade de que os estudantes apresentem domínio sólido do conhecimento matemático, o que para os autores, se constitui em uma perspectiva equivocada, visto que o termo "sólido" é passível de abarcar o conhecimento tido como pronto e acabado, rígido, sem abertura aos questionamentos, marcado pelo rigor da precisão nos resultados. Tal fato favorece o desenvolvimento de sentimentos negativos em relação a possibilidade de aprendizagem, comprometimento da autoestima, desmotivação, sensação de fracasso, de incapacidade e frustração. No entanto, o ensino e a aprendizagem matemática requerem dialogicidade na relação entre professor, estudante e conteúdo, e esse processo é favorecido pela afetividade, já que por meio desta, há maiores possibilidades de se estabelecer uma relação de confiança entre os indivíduos (SILVA; LEAL, 2019). Reforça-se, portanto, a importância da afetividade em sala de aula, por ser fundamental na formação da personalidade humana, na socialização entre os sujeitos e, consequentemente, para o desenvolvimento geral, pois o afeto favorece a sensação de pertencimento ao grupo (SCOTT JUNIOR, 2015). Além disso, a relação baseada no diálogo visando a integração entre os diferentes níveis de reflexão e o contexto real dos estudantes, se revela elemento importante para que haja escuta ativa e comunicação no cotidiano universitário e nos desafios que ele engloba. Espera-se, portanto, que o profissional reconheça o lugar de mediador, facilitador e articulador da aprendizagem e das relações com os estudantes (JARDILINO; AMARAL; LIMA, 2010; SCOTT JUNIOR, 2015). De acordo com Postic (2001), ao mediar a construção dos conhecimentos, o professor atua em sentido ético e com humildade, na medida em que escuta os estudantes, respeita e incentiva o respeito, considera a constante evolução dos sujeitos e almeja a resolução de conflitos com a participação deles, desestimulando as relações de poder e a cultura da classe dominante que impõem esquemas de pensamento e de ação que buscam orientar e controlar os comportamentos dos estudantes. Apesar da relevância da temática, percebe-se uma carência de trabalhos voltados para a relação

professor-estudante no curso de Licenciatura em Matemática (BOA SORTE; COELHO, 2019). Diante disso, nos questionamos: Quem são os estudantes do curso de Matemática da UEFS? Como se engajam professores e estudantes, sujeitos da prática educativa? Que relações se estabelecem entre eles? Para responder essas questões traçamos este estudo, tendo como objetivos conhecer o perfil dos estudantes de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e as relações que se instituem entre eles e os docentes.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza quanti-qualitativa, tendo sido submetida e aprovada pelo Comitê de Ética. Como instrumento de coleta de dados utilizamos um questionário disponibilizado de forma online para os graduandos do curso de Licenciatura em Matemática que desejassem respondê-lo. Participaram 20 discentes do primeiro ao oitavo semestre do referido curso, respondendo a questões que buscavam obter informações sobre o perfil do licenciando e suas percepções referentes às relações com os docentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A faixa etária predominante foi de 18 a 24 anos. Todos os participantes eram solteiros, sendo treze do sexo feminino e sete do sexo masculino. Treze se autodeclararam pretos e pardos e sete se autodeclararam brancos. A maior parte vinha de escolas públicas e a renda familiar mais mencionada por eles foi de um salário mínimo, seguida pela renda de dois salários. Segundo Gatti et al. (2019) há algum tempo é possível notarmos a presença de indivíduos das camadas populares nos cursos de licenciatura. De modo semelhante, Corrochano (2013) se refere a um maior acesso dos sujeitos que, historicamente, estavam à margem do acesso ao ensino universitário. Nas informações coletadas, a maioria dos participantes informou residir em Feira de Santana, havendo também moradores de Riachão do Jacuípe, Capim Grosso, Conceição do Jacuípe, Conceição do Coité, Conceição da Feira, São Gonçalo dos Campos, Santo Estêvão, Serra Preta e Tanquinho. Os discentes citaram o auxílio financeiro familiar e as bolsas da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE), de Iniciação Científica, Extensão e o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) como recursos de apoio à sua permanência na universidade. Com base em suas vivências, os licenciandos informaram que a relação estabelecida com os docentes era boa, havendo um número considerável de respostas com a opção “regular”. Entretanto, em relação às conversas com os professores, responderam que ocasionalmente ou raramente tratavam de assuntos externos aos conteúdos, o que sugere pouca aproximação, um contexto mais focado no andamento das disciplinas, apesar de a maior parte apresentar uma visão positiva em torno das conversas, como sendo estas favoráveis à relação entre eles e os educadores. No estudo de Oliveira et al. (2014), alguns estudantes se posicionaram de forma contrária às conversas, em semelhança, alguns dos licenciandos em Matemática também apontaram que elas reduzem o tempo disponível para a aula, demonstrando o desejo em manter o foco na objetividade acadêmica e em uma possível formação voltada para a produtividade do mercado de trabalho, na qual determinados momentos descontraídos podem ser vistos como “perda de tempo”. Além disso, as respostas denotaram que os acadêmicos raramente ou nunca costumavam procurar atendimento individual para sanar dúvidas junto aos docentes, assim como ocasionalmente ou raramente sentiam-se se à vontade

para expor tais dúvidas ou fazer questionamentos e contribuições na aula e, inclusive, em algum momento, deixaram de se posicionar devido a postura autoritária ou restritiva de professores, tendo enfrentado dificuldades em determinada disciplina devido a essa postura ou a metodologia empregada. Os graduandos apontaram ausência de flexibilização nas metodologias e na elaboração dos planos de ensino e falta de consideração docente em torno de suas dificuldades. De forma positiva, os acadêmicos destacaram que não sofreram discriminações por parte dos professores, mas algumas respostas sugeriram a ocorrência de exposição a críticas negativas extremas diante dos colegas. No trabalho de Oliveira et al. (2014), os discentes revelaram que valorizam quando os professores estimulam as discussões e os diferentes pontos de vista, e consideram o descaso, a inacessibilidade, o autoritarismo, a rigidez e a postura superior como entraves para sua aprendizagem e formação. Essas posturas, segundo eles, comprometem a liberdade de expressão e a necessidade de tirar dúvidas, aumentando o distanciamento. Ademais, perguntamos aos participantes quais as características que eles consideravam mais admiráveis ou que eles desaprovavam em seus docentes. Dentre as mais relatadas positivamente, constatamos a compreensão, dedicação, domínio dos conteúdos, empatia, didática, disponibilidade para falar de assuntos diversos, acolhimento, amizade, proatividade. Já em relação àquelas características que os acadêmicos veem de modo negativo, houve destaque para falta de empatia, excesso de leitura, de conteúdos e de exercícios, atitudes grosseiras, inflexibilidade, falta de compreensão, superioridade, arrogância, falta de didática e de variação metodológica, descaso com os alunos e com a efetiva aprendizagem, dentre outras. Na mesma perspectiva, Oliveira e colaboradores (2014) obtiveram respostas que evidenciaram as características que facilitam a adaptação dos acadêmicos, tais como a simpatia, boa educação, abertura e incentivo aos questionamentos e à participação, com docentes que se aproximam, além de ficar claro que os graduandos sentiam o peso da relação fechada, marcada por distância, restrições e formalismo entre professores e alunos. No trabalho realizado por Jardilino, Amaral e Lima (2010) os discentes ressaltaram que a didática, o diálogo e a qualidade da relação com os professores são essenciais para a aprendizagem, além da valorização da abordagem de base humanista, escuta ativa, flexibilidade para tirar dúvidas, disposição dos educadores para atender as necessidades acadêmicas, procedimentos democráticos e boa vontade. A pesquisa de Bardagi e Hutz (2012) encontrou uma percepção negativa da relação professor-estudante, com distanciamento, formalidade em excesso, menor envolvimentos dos docentes com as questões dos alunos, falta de didática e falta de comunicação. Para Leite (2012), a maneira como ocorre a mediação é um dos determinantes da qualidade da relação entre sujeito (aluno) e objeto (conhecimento) e as relações entre o sujeito e o mediador são também marcadamente afetivas, ultrapassando o princípio cognitivo e provocando repercussões internas que podem influenciar em processos de fracasso, repetência e evasão. A dimensão afetiva envolve as decisões tomadas pelos professores, a exemplo da escolha dos conteúdos, a organização lógica destes, sua relevância e sua relação com a realidade dos educandos, a consideração dos conhecimentos prévios, a escolha dos procedimentos e atividades, instruções, avaliações que revisam as condições de ensino e permitam verdadeira apropriação dos assuntos pelos estudantes (LEITE, 2012). Diante disso, percebemos que corroborando com os estudos acerca do tema, os participantes esperam encontrar no

docente um apoio para sua formação, um docente preparado para a condução das aulas, que considere a diversidade e as dificuldades estudantis na elaboração dos planejamentos e nas metodologias de ensino, professores que pratiquem a empatia e o diálogo, que estimulem as discussões, abram espaço para exposições sem extremismos e superioridade. Reforçamos, portanto, a importância da afetividade aliada ao domínio cognitivo, no sentido de estimular o respeito mútuo e a troca de experiências em sala de aula, de forma que o ensino e a aprendizagem sejam aprimorados constantemente e proporcionando o sentimento de pertencimento ao grupo e a interação entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

BARDAGI, M.P.; HUTZ, C.S. 2012. Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: impacto na evasão universitária. **Psico**, 43(2): 174-184.

BOA SORTE, M.D.; COÊLHO, M.W.S. 2019. Ensino-aprendizagem de matemática: com enfoque na afetividade e na contextualização nas ações pedagógicas. **Revista Cientifica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 5(4): 174-189.

CORROCHANO, M.C. 2013. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Avaliação**, 18(1):23-44.

FIORENTINI, D.; OLIVEIRA, A.T.C.C. 2013. O lugar das matemáticas na Licenciatura em Matemática: que matemáticas e que práticas formativas? **Bolema**, 27(47): 917-938.

GATTI, B.A. et al. 2019. Quem são os atuais estudantes de licenciatura? In: **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília: Unesco. 351 p.

GRANZOTTO, M.F. 2009. **Afetividade e educação matemática**. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Tese.

JARDILINO, J.R.L; AMARAL, D.J.; LIMA, D.F. 2010. A interação professor-aluno em sala de aula no ensino superior: o curso de administração de empresas. **Rev. Educ**., 10(29):101-119.

LEITE, S.A.S. 2012. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, 20(2): 355-368.

OLIVEIRA, C.T. et al. 2014. Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor-aluno. **Psicol. Esc. Educ.**18(2): 239-246.

POSTIC, M. 2001. **La relation éducative**. Paris: Presses universitaire de France.

SCOTT JUNIOR, V. 2015. **A afetividade na formação de professores universitários, em Licenciaturas, a partir do diálogo entre a educação e o direito**. Universidade Federal de Santa Maria, Tese.

SILVA, M.A.A.; LEAL, A.L. 2019. A emoção e seus reflexos na aprendizagem da Matemática. **Res. Soc. Dev**., 8(3).